

Leandro Pereira Gonçalves

Plínio Salgado e a Guerra Fria: uma análise entre Brasil e Portugal no âmbito das Guerras Coloniais

Avertissement

Le contenu de ce site relève de la législation française sur la propriété intellectuelle et est la propriété exclusive de l'éditeur.

Les œuvres figurant sur ce site peuvent être consultées et reproduites sur un support papier ou numérique sous réserve qu'elles soient strictement réservées à un usage soit personnel, soit scientifique ou pédagogique excluant toute exploitation commerciale. La reproduction devra obligatoirement mentionner l'éditeur, le nom de la revue, l'auteur et la référence du document.

Toute autre reproduction est interdite sauf accord préalable de l'éditeur, en dehors des cas prévus par la législation en vigueur en France.

revues.org

Revues.org est un portail de revues en sciences humaines et sociales développé par le Cléo, Centre pour l'édition électronique ouverte (CNRS, EHESS, UP, UAPV).

Référence électronique

Leandro Pereira Gonçalves, « Plínio Salgado e a Guerra Fria: uma análise entre Brasil e Portugal no âmbito das Guerras Coloniais », *Cahiers des Amériques latines* [En ligne], 79 | 2015, mis en ligne le 25 février 2016, consulté le 28 mai 2016. URL : <http://cal.revues.org/3614> ; DOI : 10.4000/cal.3614

Éditeur : Institut des hautes études de l'Amérique latine
<http://cal.revues.org>
<http://www.revues.org>

Document accessible en ligne sur :
<http://cal.revues.org/3614>

Document généré automatiquement le 28 mai 2016. La pagination ne correspond pas à la pagination de l'édition papier.

© Cahiers des Amériques latines

Leandro Pereira Gonçalves

Plínio Salgado e a Guerra Fria: uma análise entre Brasil e Portugal no âmbito das Guerras Coloniais

Pagination de l'édition papier : p. 31-54

Introdução: Plínio Salgado num contexto transnacional

- 1 Plínio Salgado, líder do movimento integralista brasileiro, viveu seu auge político na década de 1930 através do primeiro movimento de massa do Brasil, a Ação Integralista Brasileira (AIB). A influência lusitana, ao lado de aspectos cristãos e do fascismo italiano, serviu de base para a ordenação da formação pliniana, consolidando os ideais que promoveram a arregimentação de milhares de militantes brasileiros na AIB. Com a implantação do Estado Novo varguista¹, a organização entrou na ilegalidade, e Salgado ficou exilado em Portugal de 1939 a 1946. No regresso, estabeleceu, através da Democracia Cristã e do Estado Novo de António de Oliveira Salazar², uma nova composição ideológica com o Partido de Representação Popular (PRP). Utilizando um discurso democrático e uma postura mais cautelosa em face da nova ordem mundial, a Guerra Fria, olhou com desconfiança para as duas potências hegemônicas, a URSS e os EUA, reagindo de forma negativa diante do imperialismo estrangeiro e da dependência econômica, velhos elementos do discurso integralista. Lançou-se candidato à Presidência da República em 1955 e obteve 8,3 % dos votos, alcançando a maior votação da história integralista. Posteriormente, teve dois mandatos como deputado federal, 1959 a 1963 e 1963 a 1967, em plena Guerra Fria, momento de instabilidade política propício para seus discursos. Na conjuntura da ditadura civil-militar, após o Ato Institucional nº 2, que dissolveu todos os partidos políticos existentes desde 1945, ingressou na Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido que representava os militares. Em sua ação no legislativo, elementos portugueses começaram a fazer parte do projeto político, daí a defesa dos movimentos corporativistas ibéricos para lutar contra o marxismo.
- 2 O projeto do pós-guerra de Plínio Salgado para o Brasil incluía a defesa de Portugal salazarista. Calorosos diálogos foram estabelecidos quando passou a defender o regime português na intenção de criar uma aliança anticomunista ocidental para salvar o mundo cristão. Um dos meios era estar ao lado de Portugal, notadamente de Oliveira Salazar, que, segundo o integralista, nunca mandou fuzilar ninguém e restaurou as finanças e a moralidade no seu país [Salgado, 1982 (b)]. Por isso, Portugal deveria ser respeitado em relação às regiões africanas, pois “Moscou tem demonstrado o mais vivo interesse pela África, tendo fundado escolas políticas especializadas para os africanos” [Salgado, 1982 (b), p. 368]. Sobre o comunismo, disse que era a representação de um ato crítico e inaceitável para a sociedade cristã, a expansão “do mal maior em nosso tempo” [Salgado, 1982 (c), p. 355]. Enxergava o avanço soviético como permanente e quase incontrolável, argumento que utilizava para justificar o apoio a Portugal nas Guerras Coloniais. No exílio e no pós-guerra, Salgado teve a necessidade de criar uma identidade política que não fosse atrelada ao derrotado fascismo, encontrando no salazarismo concepções políticas e religiosas úteis para o estabelecimento de um novo modelo político, o do PRP. Entende-se, assim sendo, que Salgado opinava sobre as Guerras Coloniais na África e Ásia Lusófona com a intenção de consolidar ainda mais a sua imagem como luso-brasileiro, fundamentada na concepção vigente e apropriada pelo Estado Novo português, o luso-tropicalismo de Gilberto Freyre³.
- 3 Utilizando principalmente documentos, imprensa, correspondências, discursos e literatura especializada, este artigo tem como propósito comprovar que Portugal foi a base de inspiração central para a formação política e intelectual de Plínio Salgado. A perspectiva da história transnacional permite ver a rede de identidade criada entre Brasil e Portugal e entre os

- seguidores da política conservadora radical e da trajetória do líder integralista. Portanto, busca-se identificar a presença de Portugal em Salgado através das suas opiniões sobre a descolonização e da defesa do corporativismo como o melhor antídoto contra o comunismo.
- 4 Para avaliar a importância da experiência no exílio de Plínio Salgado no seu pensamento ulterior, é preciso perceber a circularidade e as redes estabelecidas, uma vez que esse pensamento foi (re)construído com a presença da intelectualidade política portuguesa. Em todo processo de circulação cultural, os imigrantes constroem campos sociais que vinculam seu país de origem com o de assentamento; já os transmigrantes são aqueles que constroem esses campos sociais mantendo múltiplas relações entre os países, de modo que suas identidades configuram-se em relação a mais de um Estado Nação [Basch, Blanc e Schiller, 1995]. Nesse sentido, a permanência de Plínio Salgado em Portugal e a relação estabelecida com o país caracterizaram-se pela criação de um espaço social transnacional, que consiste em uma combinação prolongada dos laços sociais, reforçada por símbolos e conteúdos no âmbito das redes organizacionais [Faist, 2000].
- 5 Para analisar o pensamento de Plínio Salgado na Guerra Fria, entende-se como absolutamente necessário apresentar, na primeira parte deste artigo, o pensamento pliniano dos anos 1930 e o peso das influências estrangeiras na sua formação, para em seguida, nas seções subsequentes, expor reflexões sobre: a fase do exílio em Portugal; o discurso colonialista e a defesa dos ideais portugueses; uma análise do modelo de Estado Corporativo existente em Portugal como forma de combate ao comunismo; e os ideais, conflitos e insucessos após 1964, durante o autoritarismo brasileiro.

Plínio Salgado, a AIB e o integralismo português (1920-1937)

- 6 Pertencente a uma família conservadora e tradicional do interior paulista, Plínio Salgado nasceu em 1895 e ainda jovem foi para São Paulo, onde se destacou no modernismo dos anos 1920, experiência que contribuiu na constituição do integralismo. Um dos aspectos centrais de sua composição política estava expresso na denominada “brasilidade integral”, fundamentação que teve como objetivo sintetizar os elementos adquiridos nos espaços culturais e políticos em São Paulo. Foi nesse momento, às vésperas do surgimento da AIB, no auge das discussões e dos debates sobre o conceito de nacionalismo, que identificou em si a passagem do “poeta-construtor” para o “homem-índice”, ou, em outros termos, do “gênio literário” para o “gênio político” [Prado, 1983]. Ele dizia: “É preciso que nós, intelectuais, tomemos conta do Brasil. Definitivamente. Temos de romper com a tradição medíocre da política. [...] Estamos fartos de vivermos, nós, intelectuais, à sombra dos poderosos. Queremos mandar.” Buscando estabelecer uma resposta prática para a teoria proferida pelo Papa Leão XIII, em 1891, por meio da *Rerum Novarum*, afirmava que era preciso atingir uma determinada intelectualidade; entretanto, esse caminho já havia sido feito pelos congêneres, como a *Action française* e o Integralismo Lusitano (IL), que iniciaram as reflexões quanto à literatura, politizando o nacionalismo estético-literário [Ferreira, 2009].
- 7 Com matrizes múltiplas, a composição ideológica da AIB esteve presente no pensamento do líder, que tinha como propósito a edificação de uma doutrina política original; no entanto, a circularidade de ideias do período fez com que Plínio Salgado sofresse outras influências consideráveis para a formação de seu pensamento. Buscou em Portugal o exemplo doutrinário, o IL, movimento de cunho nacionalista da direita radical com formação embasada na *Action française*, movimento monarquista reacionário da direita radical francesa [Lloyd-Jones, 2003]. A necessidade de compreensão do pensamento maurrasianista⁵ tem uma significação necessária, uma vez que a análise dos discursos fascistas (e/ou conservadores radicais), existentes no século XX, remonta ao pensamento francês [Nolte, 1966]. A *Action française* foi o elo entre Brasil e Portugal no que diz respeito à aproximação entre os integralismos. Esse aspecto foi estabelecido no âmbito da circularidade transnacional, que promoveria o encontro de Plínio Salgado com tais concepções políticas, visto que, no pós-guerra, o maurrasismo se transformou em um discurso privilegiado nos grupos intelectuais católicos brasileiros [Compagnon, 2009].

- 8 O período da legalidade do integralismo brasileiro foi o momento da consolidação de Plínio Salgado no cenário político como líder e intelectual com pretensões ambiciosas no entreguerras. A AIB foi criada oficialmente no dia 7 de outubro de 1932, na cidade de São Paulo, estabelecendo-se como um grupo político que tinha como propósito a formação de um grande movimento nacional. A partir de então, alcançou rápido crescimento, até a decretação do Estado Novo varguista, em 1937. A AIB pode ser considerada como o “mais bem-sucedido dos movimentos fascistas latino-americanos” [Pinto, 1994, p. 143], sendo a maior organização fascista além-Europa [Griffin, 2006]. O integralismo, por intermédio de um discurso forte de sólida base cristã, canalizava para a ação política as angústias e os temores dos setores médios, constituindo-se como instrumento da incorporação do movimento ao processo político.
- 9 Desde a formação do integralismo nos anos 1930, uma das marcas de Plínio Salgado foi a ambiguidade, uma vez que, comparada com outros modelos e organizações políticas, a proposta pliniana não representou originalidade, não sendo nada mais do que um mimetismo teórico. A doutrina segmentada do pensamento de Charles Maurras transformou-se assim em um discurso privilegiado nos grupos de intelectuais católicos brasileiros, o que contribuiu para aproximar esses setores do IL [Compagnon, 2009]. Tais reflexões são necessárias, tendo em vista o debate da historiografia nos últimos anos referente à relação da prática fascista de Plínio Salgado no interior do pensamento integralista. De fato, afirmar que o movimento foi uma cópia fidedigna do fascismo é um erro, porém é inegável que ocorreu clara influência de grupos conservadores. Ademais, são evidentes a falta de originalidade do pensamento pliniano e a força da cultura política portuguesa na sua formação. Com essa prática política, Salgado expôs sua doutrina e expandiu seu pensamento por todo o Brasil até 1937, ano em que Getúlio Vargas decretou o fechamento de todas as agremiações políticas no âmbito do Estado Novo, o que ocasionou a prisão do líder integralista, seguida do exílio em Portugal [Gonçalves, 2012].

Salgado no exílio português (1939-1946): mudanças políticas e interlocuções num contexto transnacional

- 10 No período de 1939 a 1946, Salgado permaneceu no exílio, momento que utilizou para reordenar seu pensamento, suas ações e articulações políticas, tendo na vertente do espiritualismo católico a força central do PRP. Desembarcou na Europa em busca das “velhas solidariedades”, o que o fez retomar os contatos e as parcerias políticas estabelecidas nos anos 1920 e 1930. Deste modo, as relações de amizade política são a chave para a compreensão do seu pensamento, pois um novo discurso passou a ser estabelecido através dos interesses e valores do regime salazarista.
- 11 Após a influência conservadora lusitana e a idealização do integralismo, novamente Portugal foi decisivo na organização doutrinária de Plínio Salgado e na sua formação (e transformação). O país era um ambiente propício para o líder político, visto que a representatividade direitista podia ser notada no governo, mas nem todos os grupos estavam em consonância com o regime. Salgado agia sempre com cautela, não fez pactos com organizações políticas e transitava pelos mais diversos grupos conservadores portugueses. Em um ambiente politizado, a rede de contatos ampliava-se cada vez mais. A imagem de representante do conservadorismo brasileiro, com base em um discurso cristão, era assim o rótulo que construía no exílio, tentando, de todas as formas, impedir a vinculação da sua figura com o fascismo, associação cristalizada no Brasil. Assim, estabeleceu uma forte rede com a intelectualidade lusitana e afirmava, constantemente, que era procurado por grupos de origem conservadora em Portugal para debater e articular sobre os mais diversos assuntos da política mundial, contribuindo para a formação de uma mentalidade pró-Estado Novo lusitano e, logo, a favor do colonialismo [Gonçalves, 2012]. Estrategicamente, sua vida em Portugal foi caracterizada pela ligação com o cristianismo, brecha encontrada para sobreviver politicamente, conseguindo ter ao seu lado um número considerável de seguidores, inclusive com a presença de vários membros do clero, como o redator-chefe do jornal católico *Novidades*, o Monsenhor Moreira das Neves, seu grande amigo e articulador, e o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Vê-se, portanto, que “Salgado optou por fortalecer seus laços com o alto clero português. O que intensificava sua opção pelo catolicismo político” [Parada, 2010, p. 329].

- 12 Através do catolicismo, Plínio Salgado assumia diversas posições a favor do regime estadonovista, uma vez que a Igreja Católica, através do Cardeal Patriarca Cerejeira, foi transformada em uma espécie de bastião do governo de Salazar [Pinto, 2007]. No período do exílio, o integralista era constantemente convidado para conferências, círculos de debates, programas radiofônicos, além de escrever em diversos jornais do país e de publicar vários livros. Em todas as aparições, a temática era sempre questões ligadas ao cristianismo católico; por isso, passou a ser definido em Portugal como apóstolo, o quinto evangelista, atraindo olhares de toda a comunidade católica portuguesa⁷.
- 13 O integralista buscava espaços políticos pela religião, sendo que, através da democracia, uma solução foi identificada, principalmente a partir de 1945. Com a mensagem natalina⁸, proferida pelo Papa Pio XII, em clara menção de combate ao nazifascismo e ao avanço comunista pelo viés democrático, Plínio Salgado começou a utilizar tais elementos cristãos para consolidar ainda mais as novas bases políticas [Barreto, 2002]. Naquele momento, a relação de Salazar com o Papa era a melhor possível, e o salazarismo transformou-se numa democracia cristã, cunhada na antidemocracia autoritária [Cruz, 1982]. Após as palavras do Papa, muitos “militantes e figuras católicas apareceram em 1945 a dar a cara pela democracia cristã” [Barreto, 2002, p. 163], não há dúvidas de que Plínio Salgado encaixou-se nessa definição. Com habilidade, constatou um novo nicho político-religioso e buscou relações nesse sentido, tendo o Estado Novo de Salazar como referência no regresso para o Brasil, em 1946.
- 14 A Igreja Católica depositou em Salazar imensa confiança. Em 1940, um novo quadro das relações Igreja-Estado no salazarismo foi montado através da consagração da Concordata de 1940 [Rezola, 2007]. O ato coroou o compromisso entre Igreja e regime, regulamentando um conjunto de privilégios e benefícios para a Igreja Católica, o que, na prática, já ocorria [Pinto, 2007]. O Estado Novo propunha-se a instaurar uma ordem católica, assim, nesse contexto, a colaboração da Igreja era indispensável no processo de consolidação do salazarismo [Pinto e Rezola, 2007]. A relação entre Igreja Católica e Estado Novo foi praticamente perfeita, prevalecendo a reciprocidade, uma vez que havia outros interesses além de uma questão religiosa. Foi criado um núcleo de ideias e de organização política em torno da defesa do corporativismo, anticomunismo, antiliberalismo e demais interesses convergentes [Pinto, 1992]. A Igreja Católica não contribuiu apenas como matriz política do regime, pois toda a simbologia do Estado Novo português, a imagem do chefe e demais aparatos estruturais do país tinham um sólido programa de cristianização [Pinto, 1992]. Dessa forma, conclui-se que o salazarismo era inconcebível sem o apoio da Igreja, visto que ela
- “contribuiu não só para promover a ascensão de Salazar e do Estado Novo como também para a sua consolidação e evolução, ao tornar-se um importante suporte institucional do regime, sobretudo nos primórdios, ao possibilitar ideologicamente a incorporação de massas no regime e ao constituir-se como o seu principal centro de extração de elites” [Cruz, 1992, p. 201].
- 15 Sem sucesso, a busca dessa contribuição foi almejada por Plínio Salgado com o retorno ao Brasil. Após as experiências vividas durante oito anos em um modelo corporativista com o aparato católico, o líder integralista não teve dúvidas de que era esse o seu objetivo para a política brasileira. “Não é por isso de estranhar que o exemplo do salazarismo fosse o *passé-partout* das afinidades quer de ditadores, quer de movimentos de direita radical do período, muitas vezes, sinceramente ; outras vezes, desejosos de evitar a identificação com o fascismo” [Pinto, 2007, p. 41]. A desvinculação com o fascismo foi um dos propósitos de Salgado no exílio, e os preparativos para um novo projeto político para o Brasil começaram a ser construído antes do regresso, ainda em Portugal, quando a imagem democrata cristã e extremamente católica foi consolidada.
- 16 Plínio Salgado e a Igreja Católica de Portugal estabeleceram forte relação, sendo a inserção do integralista no meio religioso português a principal herança do exílio, assim como a assimilação de concepções políticas salazaristas, como o colonialismo, que possibilitará, anos mais tarde, corroborar fundamentos teóricos embasados no luso-tropicalismo de Gilberto Freyre. Este propunha a constituição de uma Comunidade Luso-Brasileira que colaborasse com o colonialismo português e com a difusão do ideário, principalmente junto aos delegados

dos países com assento na ONU [Castelo, 2011]. Segundo tal concepção, ao Brasil competia a responsabilidade de demonstrar o exemplo de democracia racial, que seria a prova do êxito português e da especificidade da colonização portuguesa, a seu tempo realizada na África [Carvalho, 2014].

17 Seguindo tais fundamentos políticos e cristãos, com o fim da ditadura varguista, retornou para o Brasil afirmando ser um luso-brasileiro, uma espécie de representante de Portugal e defensor supremo de António de Oliveira Salazar na política brasileira. Assim como nos anos 1930, a inspiração portuguesa moldou o pensamento político de Plínio Salgado, sendo que nesse novo momento passou a defender os interesses de Portugal no Brasil e a usar tais propósitos na luta anti-comunista no cenário da Guerra Fria em busca de um mundo cristão [Gonçalves, 2012]. O Monsenhor Moreira das Neves, ao descrever Plínio Salgado, afirmou que “soube amar o Brasil e Portugal, com amor tão profundo e tão igual” [1999, p. 172]. Com essa relação de proximidade, o integralismo do pós-guerra, marcado pelo Estado Novo português, buscou a criação de uma política democrata cristã, o que o fez defender uma organização basicamente espiritual para a sociedade.

18 Vê-se que, na cultura política, os conceitos de representação para promoção de redes estão caracterizados na amizade, caridade, gratidão, cumplicidade, magnificência, dentre diversos outros meios de ligação social. A amizade em torno de semelhanças políticas gerou inúmeros benefícios a Salgado, que, no regresso, trouxe a cultura portuguesa como continuidade de inspiração na defesa de uma proposta democrática no novo ambiente que o Brasil vivia após o Estado Novo getulista. No entanto, a antidemocracia foi a base desse novo pensamento construído em Portugal através do modelo de poder de Salazar, um ditador que sobreviveu à queda do autoritarismo europeu e que não estava caracterizado no rol do fascismo continental [Pinto, 1992].

PRP e a busca de Portugal através das Guerras Coloniais

19 Um momento de importância para o novo integralismo e para Plínio Salgado no pós-guerra – período de espiritualização e catolicismo exacerbado – ocorreu em 1948, quando participou das Conversações Católicas Internacionais, na cidade espanhola de San Sebastián, no País Basco. Através desse evento, pôde se legitimar ainda mais como intelectual e líder cristão, especialmente católico. O evento propunha a discussão sobre os Direitos e Deveres do Homem e, como consequência da atividade, a elaboração de um documento com base na doutrina da Igreja Católica [Salgado, 1949].

20 Com o desenrolar dos trabalhos, afirmou ter verificado que o objetivo era atender às conveniências políticas na elaboração de um anteprojeto para ser enviado à ONU, uma vez que os líderes caminhavam na direção de aprovar uma carta em que o homem seria apontado como um ser racional. Seu pensamento era criar uma concepção cristã na sociedade; com isso, como líder cristão, atingiria uma posição de destaque na política internacional, símbolo da sabedoria espiritualista cristã. “Na versão difundida pelos integralistas, a intervenção de Salgado teria sido decisiva para a aprovação de uma proposta de declaração ‘universal’ explicitamente cristã” [Calil, 2005, p. 719]. Apesar de todos os esforços, a ONU rejeitou as sugestões contidas na Carta de San Sebastián. Lamentando a decisão do órgão, criticou: “neste preâmbulo Deus é posto à margem” [Salgado, 1949, p. 237]. Não considerava esse o rumo a ser seguido, passando a ser um crítico feroz da ONU, que, segundo ele, possuía um critério agnóstico-materialista, contra o seu cristianismo católico baseado em uma fé extremada [Salgado, 1949].

21 A crítica foi uma continuidade no pós-guerra. Havia insatisfações em relação às posições políticas estabelecidas pelo organismo no combate ao comunismo no âmbito da Guerra Fria. Plínio Salgado opôs-se de modo veemente à entidade, sobretudo quando Portugal era colocado em pauta, especificamente em relação aos conflitos coloniais das décadas de 1950 e 1960. Conforme ele, a presença de Portugal nas colônias africanas e asiáticas, além de um direito, era uma necessidade para o momento em que o mundo encontrava-se, pois, estando o governo Salazar compactuado com o anticomunismo, a presença do “mal vermelho” estaria neutralizada nas regiões coloniais. O discurso pliniano estava em consonância com a coalizão formada em defesa do Estado Novo português no Brasil. Gilberto Freyre, ao

defender o luso-tropicalismo, argumentava que os ataques à presença portuguesa na África eram provocados pela União Soviética e acusava de apoiadores do comunismo aqueles que defendiam a independência dos países africanos [Dávila, 2011]. Plínio Salgado não estava sozinho: no Congresso Nacional havia uma coalizão de defensores de Portugal que recebiam do governo português uma série de benefícios e agrados políticos em troca de apoio. Tal coalizão baseava-se na teoria de democracia racial de Gilberto Freyre, motivando afirmações como a de Salgado sobre Angola, que, de acordo com ele, era uma “província onde pretos e brancos confraternizavam com iguais direitos” [Salgado, 1961 apud Dávila, 2011, p. 139].

22 No contexto da Guerra Fria e com o início dos confrontos coloniais, tentava-se criar um elemento que aproximasse Portugal e Brasil, corroborando os interesses portugueses de ter no Brasil uma base sólida no apoio do projeto colonial. Dessa forma, as preocupações com Portugal foram intensificadas, principalmente devido à conjuntura internacional. A questão relacionada a Goa – Índia portuguesa – foi o primeiro dos grandes problemas que Salazar enfrentou na política colonial [Oliveira, 1989]. Após a independência indiana, desejou-se negociar com Portugal as pequenas possessões de Goa, Damão e Diu ; no entanto, para Salazar, não havia o que negociar. Portugal não tendo como obrigar a Índia a aceitar sua posição, iniciou um processo de pressão até que a irritação indiana colocasse os portugueses na posição de agredidos [Gonçalves, 2003].

23 O início da década de 1950 foi tenso para os portugueses na relação colonial. O próprio Salazar evitava exaltações em relação ao tema. Em 8 de fevereiro de 1951, o presidente do Conselho de Ministros foi questionado pela imprensa dos EUA sobre a relação entre Portugal e Índia. O chefe de Gabinete da Presidência, José Manuel da Costa, conforme orientação de Salazar, afirmou: “As nossas relações com a Índia encontram-se neste momento numa fase em que não parece muito conveniente fazer declarações públicas.” Salazar evitava publicidade, pois havia algo maior no processo de descolonização: o expansionismo soviético, causa que levou o Brasil, que mantinha boas relações com Portugal, a entrar com apoio incondicional contra a ocupação indiana [Gonçalves, 2003].

“Em julho de 1954, elementos goeses e militares indianos ocuparam os enclaves de Dadrá e Nagar-Aveli. A partir de então, o Brasil, já comprometido pelo Tratado de Amizade e Consulta, assinado em novembro de 1953, passou a apoiar ostensivamente o governo português” [Gonçalves, 2003, p. 125].

24 Como consequência, em agosto de 1954, Plínio Salgado voltou a estar na imprensa portuguesa quando protestou contra a ocupação de Goa pela Índia, ao defender o direito de Portugal sobre a colônia. Na ocasião, as Associações Portuguesas do Rio de Janeiro convocaram uma manifestação popular de brasileiros e portugueses no Real Gabinete Português de Leitura e um dos convidados foi o integralista. O evento foi transmitido pelas Rádios Globo, Continental, Nacional e retransmitido pela Emissora Nacional de Portugal [Calil, 2005]. O jornal português *Novidades* afirmou:

“Plínio Salgado tem sido no Brasil uma das vozes mais vigorosas e mais ardentes na defesa de Portugal contra as agressões e calúnias da União Indiana de que é vítima a gloriosa Goa. Quer na imprensa, quer em numerosos discursos, Plínio Salgado tem posto o problema com meridiana clareza e sem medo de dizer ao Sr. Nehru todas as verdades que ele precisa de ouvir.”

25 O jornal católico reproduziu um texto publicado no periódico perrepista *A Marcha* em que Plínio Salgado promoveu uma relação que passou a ser típica, principalmente após o exílio, entre Portugal e Brasil como uma espécie de única pátria:

“Goa não é de Portugal! Goa é Portugal Filha da nossa Mãe-Pátria. Goa também é Brasil. Herança espiritual da nossa herança, Goa também é Brasil. Seiva missionária da nossa seiva. Goa também é Brasil. Destino comum do nosso destino. Goa também é Brasil. Unidade moral de nossa unidade. Goa também é Brasil. Sangue heroico do nosso sangue. Goa também é Brasil. Tal como nós, Goa é Irmã de tantos povos que, no fascinante Império do Oriente, defendem a nossa Fé e ostentam o nosso idioma: por isso, Goa também é Brasil! Tal como nós, Goa é irmã de tantas raças que, no miraculoso Império da África, sustentam a nossa tradição e continuam a nossa história: portanto, Goa também é Brasil! Filha dos nossos mesmos reis dos mesmos santos, dos mesmos sábios, dos mesmos mártires, dos mesmos heróis, dos mesmos cavaleiros —Goa também é Brasil! Que tem a Índia para dar a Goa? Tem politeísmo bárbaro! Tem a desordem espiritual das centenas de seitas

que se entredoveram ! Tem o pandemônio antissocial das castas, milenarmente, irreconciliáveis ! Tem a desagregação política e a incapacidade do autogoverno ! Tem o fanatismo e o fatalismo irremovíveis ! Tem o comunismo por trás de toda essa ebulição pseudonacionalista. Não e não! Goa, filha legítima da civilização luso-cristã, nunca será filha bastarda do bolchevismo eslavo-indiano ! A filha de São Francisco Xavier nunca será discípula de Lenine. Não, patrícios meus! Goa também é Brasil”.

- 26 No periódico português, Plínio Salgado revelou qual o elemento motivador na luta contra a ocupação da União Indiana em Goa: o comunismo. A aversão ao regime, no contexto da Guerra Fria, motivou o integralista a criar uma ordem de luta a favor de Portugal nos conflitos coloniais, em convergência com o pensamento salazarista. Com a inspiração recebida nos anos vividos em Portugal, enxergava este país, notadamente seu líder, como exemplo de honradez cristã e moralidade, isto é, uma força contra o mal comunista que assombrava o mundo no pós-guerra. Dessa forma, o brasileiro foi se consolidando ainda mais como defensor das causas portuguesas e na criação de uma unidade lusófona a favor da lusofilia. Essa é uma questão político-cultural que, posteriormente, por Plínio “para o âmbito nacional” no sentido de defender os interesses portugueses, consolidando-o ainda mais como um luso-brasileiro.
- 27 Nos anos 1960, período de intensificação da Guerra Fria, a mesma temática que o havia colocado em evidência na imprensa portuguesa em 1954, o caso Goa, fez com que o integralista voltasse a ter forte notoriedade na política lusa, ocasionando inclusive um retorno a Portugal, em dezembro de 1960, exatamente 1 ano antes da ocupação do chamado Estado português da Índia pelas tropas indianas. No dia 22 de dezembro de 1960, foi convidado para participar do programa *Horizontes* transmitido pela Emissora Nacional, atração de entrevista comandada pelo amigo nacionalista Amândio César. A relação entre os dois países foi a pauta da conversa. Salgado apontava a aproximação entre as duas nações como a saída para o avanço mundial do comunismo naquele momento, principalmente ao levar em conta a grandeza da comunidade lusófona no mundo: “Entendo que agora nos compete, a nós, os intelectuais dos dois povos, trabalharmos para este entrelaçamento cada vez maior e para darmos positividade, objetividade prática, ao pensamento da Comunidade Luso-Brasileira. Porque ela é essencial na hora histórica que atravessamos”¹³. Tratava-se de uma ação clara visando ao poder; para isso, direcionava o pensamento ao ponto central da sua doutrina ao caracterizar a união entre os dois países: “Brasil e Portugal completam-se [...] pelo caráter que vinca as duas nacionalidades na manutenção de princípios cristãos”¹⁴. O cristianismo continuava sendo a base de justificativa de poder político para Plínio Salgado. Com essa ligação, tornou-se um dos principais representantes da causa portuguesa no Brasil.
- 28 Alguns meses antes da viagem para Portugal, foi convidado para participar do “Protesto luso-brasileiro contra as invasões ultramarinas do governo de Lisboa pela Índia”. O evento foi realizado em 1º de abril de 1960, no Real Gabinete Português de Leitura, e foi uma manifestação organizada pelos portugueses residentes no Brasil contra a invasão de Goa. Através da reportagem transmitida pela Rádio Globo e retransmitida pela Emissora Nacional em Portugal, percebe-se que foi um evento com grandes proporções, principalmente por ter um número significativo de políticos, intelectuais e personalidades. Além de Plínio Salgado, participavam do evento o presidente da Associação Portuguesa no Brasil, Aventino Lage, que apontava o comunismo como o mal da sociedade, influenciada diretamente pelo “assassino sanguíneo que atende pelo nome de Fidel, apesar de infidelíssimo”¹⁵, o Reitor da Universidade do Brasil, Pedro Calmon, o presidente Juscelino Kubistchek, o deputado federal Danilo Nunes, que defendia a imortalidade de Portugal perante os conflitos, sem contar vários outros parlamentares que foram dirigidos pelo deputado católico e membro da AIB nos anos 1930. Participava também Eurípedes Cardoso de Menezes, político, assim como Salgado, defensor da Comunidade Luso-Brasileira, que vislumbrava o rompimento imediato do Brasil com a União Indiana e a retirada do país da ONU, taxada como bolchevisada e desmoralizada¹⁶.
- 29 No evento de protesto e repúdio público contra a invasão de Goa e, principalmente, pela “omissão” da ONU, um sinal de luto luso-brasileiro foi estabelecido, e o presidente do PRP afirmou: “O que temos visto tem sido o desrespeito absoluto à soberania dos povos, já se não respeita de forma alguma as nacionalidades. A ONU é um órgão que se encontra agora

- na seguinte encruzilhada: ou restitui Goa a Portugal ou tranca as portas para balanço¹⁶.” Plínio Salgado não enxergava credibilidade na ONU e afirmava que “já desmoralizada estava ela antes mesmo de nascer quando se gerava no ventre dos três grandes¹⁷”, clara referência à Conferência de Ialta (4 a 11 de fevereiro de 1945), quando os chefes de Estado dos EUA, Franklin Delano Roosevelt, da URSS, Josef Stalin, e o primeiro-ministro da Grã-Bretanha, Winston Churchill, reuniram-se para decretar o fim da Segunda Guerra Mundial, conseqüentemente, o início da Guerra Fria. Após o encontro, dezenas de países – inclusive Portugal – reuniram-se em São Francisco, para oficializar a criação da ONU. A presença liberal e, principalmente, comunista nas decisões mundiais da entidade não era vista com bons olhos por Plínio Salgado, rugas que já haviam sido demonstradas em 1948 após o evento em San Sebastián, quando a força do cristianismo não foi colocada como pauta central do órgão.
- 30 Nesse momento de grande discussão sobre as colônias portuguesas, Salgado foi indicado para ser o representante brasileiro na Conferência Geral da Unesco, em Paris e, após a missão oficial, utilizou a viagem à Europa para uma finalidade privada, indo a Lisboa passar alguns dias no antigo exílio¹⁸. Assim que chegou, concedeu uma entrevista publicada nos principais periódicos conservadores do país e nela destacou a relação com Portugal, por esse motivo a necessidade de lutar a favor da Comunidade Luso-Brasileira, vista por ele como a saída para os problemas mundiais, especialmente com a intenção de contribuir com o impedimento de um novo conflito mundial¹⁹. O tema relacionado a Goa²⁰ cercou a presença do político em sua visita, uma vez que este fazia questão de ressaltar a todo instante a honradez nacional e a altivez de Portugal ao não ceder Goa aos indianos²¹. O debate chamou a atenção das colônias que ainda estavam sob o domínio luso; assim Plínio Salgado, com suas teorias, passou a ter presença na imprensa colonial²².
- 31 A estadia de Plínio Salgado em Portugal foi rápida; no entanto, com tempo para rever os amigos nacionalistas e estabelecer contatos com lideranças políticas. Em 20 de dezembro, foi recebido pelo secretário nacional do Secretariado Nacional de Informação (SNI), César Moreira Baptista, que o convidou para um almoço no tradicional e conservador espaço nacionalista, Círculo Eça de Queiroz. Com a presença de vários convidados e intelectuais da política portuguesa, o integralista foi saudado como na época do exílio. Buscava na ocasião o fortalecimento da ideia do corporativismo espiritual de matiz católica para o Brasil em consonância com os ideais portugueses, identificando no salazarismo o único contraveneno capaz de evitar o comunismo²³.
- 32 Plínio Salgado manteve ativa a sua rede com os nacionalistas católicos portugueses e, no mesmo direcionamento dos discursos e das práticas existentes em Portugal, agia no Brasil. Em correspondência ao amigo católico e nacionalista João Ameal, então colaborador do Estado Novo e deputado da Assembleia Nacional, afirmou que pretendia fazer um bem ao defender Portugal nas colônias, não poupando críticas ao organismo internacional: “o que temos visto na ONU é de desanimar... A cegueira dos responsáveis pela sustentação do Mundo livre é de pasmar. Peço-lhe reserva de quanto digo nesta carta, pois desejo estar com os movimentos livres para melhor atuar²⁴.” O sigilo estratégico representava uma necessidade para o estabelecimento de novas ações, como em dezembro de 1963, quando proferiu um discurso na Sociedade Filantrópica e Beneficente, Casa de Portugal, sediada na cidade do Rio de Janeiro. No evento, ressaltou a maior preocupação dos portugueses naquele momento, os conflitos, e mais uma vez responsabilizou a ONU: “Em Portugal, nós assistimos o povo português, diante da incompreensão, da incapacidade da Organização das Nações Unidas para perceber o alcance da política africana²⁵.”
- 33 Uma eloqüência nacionalista cristã dominou o período, sendo que a questão colonial, o estabelecimento da Comunidade Luso-Brasileira e os acontecimentos em torno das ações políticas no âmbito da Guerra Fria eram temas dominantes, tanto em Portugal quanto na rede de coalização brasileira em defesa dos ideais portugueses, que tinha em Plínio Salgado uma das vozes de maior repercussão e representatividade intelectual.

O “incontrolável avanço comunista” e o corporativismo português

34 O salazarismo tornou-se uma espécie de desejo de Plínio Salgado que, aliado ao sentimento luso-brasileiro, propunha uma política semelhante à organização existente em Portugal. A influência portuguesa do Estado Novo foi notada logo nos meses iniciais de legislatura do primeiro mandato como deputado federal pelo PRP. Em 10 de agosto de 1959, proferiu um discurso estabelecendo a presença de Portugal e a influência do Estado Novo de Salazar na sua política do pós-guerra, quando defendeu a criação da chamada “Câmara Econômica”: uma Câmara Corporativa nos mesmos moldes da existente em Portugal [Salgado, 1961]. Defendia a criação de uma reforma estrutural na política administrativa do Brasil, mas sem excluir os poderes existentes, ou seja, exatamente como o Estado Novo português organizou sua política no período de Salazar.

35 Apesar da inflamada eloquência, em território brasileiro sua proposta foi apenas um desejo político. A representatividade da bancada do PRP era mínima no Congresso Nacional, e a implantação de uma Câmara Corporativista (ou Econômica) não era prioridade ou desejo da maior parte dos parlamentares. Plínio Salgado tinha um projeto nítido para o Brasil, e Portugal fazia parte dele. No plenário federal, calorosas discussões relacionadas à Guerra Fria foram estabelecidas, encontrando-se a base do pensamento pliniano na junção entre anticomunismo, espiritualismo e corporativismo em torno de um modelo democrático cristão.

36 A luta anticomunista embalada pelo contexto mundial transformou Plínio Salgado em uma espécie de “caçador de comunistas”. Em todas as entrevistas, discursos ou pronunciamentos, a temática não era outra. Em 1962, o PRP rompeu relações com o governo João Goulart, que assumiu a Presidência após a renúncia de Jânio Quadros, cuja posse tivera o apoio de Plínio Salgado. Era mais uma etapa da “paranoia” contra o comunismo. Em 1962, seu antigo aliado Leonel Brizola²⁶ passou a ser taxado como um demagogo comunista, e um intenso discurso foi direcionado contra o governo janguista, que era visto como promotor da presença vermelha no Brasil, inclusive com influência de agentes de Moscou no território nacional.

37 Em um cenário de alterações políticas e crise institucional no governo João Goulart, Plínio Salgado fez sua última viagem para Portugal, em maio de 1962. Assim como na viagem de 1960, aproveitou um compromisso oficial para visitar o local do antigo exílio. Ao lado de outros parlamentares, em abril, foi para Roma participar da Conferência da União Interparlamentar²⁷. O carinho e atenção dos portugueses com o líder político era visível: os principais veículos da imprensa noticiavam a presença do ex-exilado e seguiam seus passos, sobretudo no núcleo católico, notadamente no jornal *Novidades*, que afirmou: “É Plínio Salgado um dos expoentes mais representativos do mundo lusíada de aquém e além Atlântico²⁸.” O integralista, por sua vez, agradecia e exaltava a sociedade: “Portugal é o sítio onde eu gosto de estar. Tenho aqui muitas amizades, muitas relações²⁹.” Essas relações não estavam somente no vínculo pessoal. Mais uma vez, a defesa política portuguesa esteve em pauta no sentido de exaltar e defender Portugal (e Espanha)³⁰ como modelos políticos a serem seguidos pela sociedade cristã em um mundo ameaçado. Em entrevista, disse:

Sob o aspecto brasileiro, temos de apoiar Portugal. Portugal e Espanha. A Península Ibérica é um dispositivo admirável que o comunismo se esforça a todo o transe por conquistar, para conquistar todo o Ocidente. Por isso, procura agitar. No Brasil, sempre que há agitação nas ruas, já sabemos que são os comunistas em ação³¹.

38 Plínio Salgado ressaltou a existência de um forte grupo parlamentar brasileiro a favor de Portugal no problema colonial que ainda era temática dominante no Estado Novo salazarista. Ao jornal *Diário de Notícias*, destacou: “Estive com alguns parlamentares brasileiros que visitaram Angola, Moçambique e a Metrópole. Posso dizer, pelo que ouvi, que Portugal conquistou verdadeiros amigos defensores da sua causa³².”

39 A discussão sobre o colonialismo africano como elemento anticomunista era a temática daquele momento. Todas os grandes debates estavam em torno dessa questão. Em entrevista ao *Diário Ilustrado*, o político brasileiro analisa a existência do projeto soviético para ter o controle do nordeste brasileiro a partir da África: “Eu penso que a Rússia está interessada

em possuir bases militares em África para atingir a América do Sul. [...] Tendo a Rússia o nordeste brasileiro como campo de ação, como já acentuei, ser-lhe-ia na verdade fácil, com bases em África, atingir aquele ponto³³.” Eis uma clara posição no sentido de intensificar o elemento anticomunista brasileiro e transferir a luta a favor de Portugal.

40 Não há dúvidas de que o momento máximo da sua última visita a Portugal foi no dia 15 de maio, das 12h às 13h15min. Plínio Salgado esteve reunido na residência particular do presidente do Conselho, António Oliveira Salazar. Os contatos entre os dois até então haviam sido sempre com rapidez, mesmo porque a polidez da diplomacia não era uma das virtudes de Salazar. O próprio Plínio, em um discurso no plenário da Câmara, afirmou: “Salazar nunca me ofereceu festas” [Salgado, 1982 (b), p. 370]. Estar ao lado do líder português representou muito para Salgado, que o enxergava como modelo político. De qualquer modo, estar ao lado do líder português representou muito para Salgado, que o enxergava como modelo político. Segundo a agenda do governante português, a reunião teve como pauta “política brasileira e política luso-brasileira – política ultramarina portuguesa e política africana do Brasil³⁴.” Naquelas circunstâncias, Salazar não tinha outro assunto para conversar com Salgado. A questão ultramarina era a preocupação central do governo salazarista. O jornal oficial do Estado Novo português, *Diário da Manhã*, sobre a reunião, noticiou:

“A entrevista que durou cerca de hora e meia decorreu num ambiente de grande cordialidade, tendo o Sr. Dr. Oliveira Salazar, no final, acompanhado até a porta o eminente político brasileiro. A saída, os jornalistas presentes quiseram saber as impressões do Dr. Plínio Salgado, desde seu novo encontro com o Chefe do Governo português. Plínio Salgado declarou então: – Quando se está com o Prof. Oliveira Salazar aprende-se sempre muito. Durante o nosso encontro abordamos diversos problemas, tanto nacionais como internacionais, e examinamos a expansão do Mundo com as correntes que hoje são a melhor lembrança da clarividência e do equilíbrio de Salazar, que considero um dos maiores estadistas do nosso tempo³⁵.”

41 A exaltação era evidente. Plínio Salgado buscava ser esse estadista, no entanto, o tempo no Brasil estava passando, e ele não alcançava o seu objetivo. Na viagem a Portugal, como de costume, encontrou-se com o Cardeal Patriarca Manuel Gonçalves Cerejeira, no Paço de Santana, e novamente foi homenageado no centro do nacionalismo conservador português, o círculo Eça de Queiroz³⁶.

A Guerra Fria continua, mas as ações de Plínio recaem sob o Golpe

42 No retorno para o Brasil, encontrou um país cada vez mais inserido em uma crise institucional com o advento do parlamentarismo e um possível plebiscito. Durante o governo João Goulart, percebe-se um deputado federal mais atuante nas articulações políticas em relação à questão do sistema parlamentarista, sem dúvida com a intenção de ter benefícios com o novo regime que fortalecera o legislativo. Em algumas entrevistas, fez grandes elogios ao novo sistema político do Brasil, inserindo o parlamentarismo brasileiro como o mais correto do mundo³⁷.

43 O momento pré-golpe foi cercado de discussão no legislativo e na imprensa, que debatia com intensidade as “Reformas de Base”, propostas pelo presidente João Goulart, que passou a ter plenos poderes após o plebiscito de 6 de janeiro de 1963. O ano presidencialista foi marcado por crises políticas e, principalmente, institucionais. As tribulações culminaram com a queda do presidente, que, vinculado a um imaginário comunista, cedeu lugar aos militares, sendo Plínio Salgado e seu grupo integralista, representantes do conservadorismo radical brasileiro, os mais eufóricos com o golpe civil-militar de 1964.

44 Era o fim da “democracia” brasileira. Com o golpe, no qual um dos sustentáculos foram os integralistas, em especial através do discurso anticomunista, inaugurou-se no Brasil a maior ditadura da história, que inclusive ocasionou o fim do PRP. Muitos – inclusive o próprio Plínio Salgado – tinham a expectativa de que aquele fosse o momento de o integralismo brasileiro, finalmente, criar uma organização política-cultural verdadeiramente nacionalista corporativista; entretanto, suas percepções estavam enganadas. Eleito deputado federal pela Arena, continuou com as atividades para a efetivação e defesa das questões portuguesas e, por conseguinte, anticomunistas. Em um cenário autoritário cuja legalidade estava marcada por

discursos e práticas vindas da direita, ocorriam disputas por um espaço próprio envolvendo tais setores; por existirem divergências quanto ao modelo político a ser implantado, a ação de Plínio Salgado tornou-se mínima.

45 Apesar de efetivamente inserido nos quadros da ditadura, sua visão em defesa do modelo português em torno de uma base cristã como proposta na luta contra o comunismo era divergente de algumas deliberações do regime militar, que optou por uma ruptura. O presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco era favorável a outro caminho na formação da comunidade afro-luso-brasileira, com a intenção de ser o mediador no processo de independência das colônias portuguesas. A disputa na direita era vasta. Em outro polo, o político conservador Carlos Lacerda fez vários discursos a favor dos portos livres como alternativa para a inserção do mercado brasileiro no território africano, exemplo seguido nos governos dos generais Artur da Costa e Silva e Emílio Garrastazu Médici, que enxergavam a derrota do colonialismo português como algo mais interessante na negociação econômica para o Brasil no cenário mundial [Silva, 2006]. Um dos desafios colocados à política externa brasileira era o de lidar simultaneamente com as guerras de independência africanas e a posição de Portugal quanto a elas; entretanto, no fim dos anos 1960, as possibilidades econômicas com o continente africano eram mais promissoras do que a tradicional amizade entre Brasil e Portugal. A reafirmação do nacional-desenvolvimentismo e o reaparecimento de uma política externa com a África demonstravam que o governo brasileiro não atribuía grande importância à geopolítica da Guerra Fria [Carvalho, 2014].

46 Plínio Salgado tentou agir, articular, chegou a fazer propostas, como mais uma tentativa frustrada de implantar uma Câmara Orgânica (corporativa), inspirada no salazarismo, em 1966. Todavia, suas posturas a favor do cristianismo aproximando o Brasil com o Estado Novo português não surtiram efeito, apenas servindo para construir a memória de um discurso autoritário durante a Guerra Fria. De fato, as ações políticas a favor do colonialismo e do corporativismo português seguiram-se no período ditatorial brasileiro. No entanto, sem o vigor de antes, até porque era visível que sua força física estava no fim; além disso, o afastamento por doença de António de Oliveira Salazar, em 1968, do cargo de presidente de Conselho de Ministros contribuiu para que as relações não fossem mais as mesmas, apesar da continuidade do Estado Novo com Marcello Caetano até 1974. A prática luso-brasileira de Plínio Salgado e a dúbia relação política entre Brasil e Portugal no período contribuíram na sua compreensão das vicissitudes da Guerra Fria nos dois países e dos seus respectivos regimes; conseqüentemente, foram decisivas na fracassada trajetória política do líder integralista, que voltou do exílio e passou a ser mais português do que a própria direita e política brasileira poderiam comportar ou aceitar.

Considerações finais

47 Ao investigar a trajetória dos transmigrantes, identifica-se a construção de campos sociais múltiplos no aspecto de relação entre os países, sendo que, na política de Plínio Salgado, as matrizes discursivas, as apropriações e todo o processo de circularidade cultural são inerentes à formação de um pensamento pautado pela relação entre duas nações, Brasil e Portugal. Dessa forma, observa-se a inserção dos valores lusitanos no seu pensamento, principalmente no aspecto central da sua existência política: a luta contra o comunismo.

48 A vida de Plínio Salgado em Portugal representou um momento de consolidação dos ideais cristãos, quando os velhos ideais fascistas deram lugar aos católicos, na tentativa de criar uma nova ação política no retorno ao Brasil. A existência de um governo forte e autoritário transformou o Estado Novo português em um elemento sedutor, fazendo com que Salgado criasse uma política de remodelação doutrinária. Com uma vida, assim como Salgado, devotada ao catolicismo Salazar foi um modelo no pós-guerra, sendo a postura antidemocrática pliniana muito embasada na democracia cristã portuguesa. Plínio Salgado fez uma série de composições políticas para a afirmação de uma nova imagem, como – e em particular – a defesa do corporativismo e, conseqüentemente, do colonialismo português dentro de um projeto luso-brasileiro em um mundo polarizado. Contudo, como qualquer tentativa política sua, o resultado foi a frustração.

49 Estudar os projetos políticos de Plínio Salgado representa investigar a história do fracasso, em particular em um modelo de análise que leva em conta o Estado Novo português, que chegou ao fim em 25 de abril de 1974, mesmo ano da aposentadoria política de Salgado. As suas propostas aqui apresentadas não alcançaram nenhum tipo de sucesso ou viabilidade na política brasileira; porém, o entendimento da doutrina política de Salgado oferece a possibilidade de uma compreensão histórica fundamental da política do século XX, notadamente da relação política entre Brasil e Portugal no contexto de disputa em busca da hegemonia política, econômica e militar durante a Guerra Fria.

Bibliographie

Barreto José, “Oposição e resistência de católicos ao Estado Novo”, in *Religião e sociedade: dois ensaios*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

Basch Linda, Blanc Cristina Szanton e Schiller Nina Glick, “From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration”, *Anthropological Quarterly*, v. 68, 1995, p. 48-63.

Calil Gilberto Grassi, *O integralismo no processo político brasileiro: a trajetória do Partido de Representação Popular (1945-1965) – Cães de guarda da ordem burguesa*, tese de doutorado em História, Universidade Federal Fluminense, 2005.

Capelato Maria Helena, “O Estado Novo: o que trouxe de novo?”, in Lucília de Almeida Neves e Jorge Ferreira (orgs.), *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

Carvalho Thiago, “O Brasil e o fim do império português”, in Miguel Bandeira Jerónimo e António Costa Pinto (orgs.), *Portugal e o fim do colonialismo: dimensões internacionais*, Lisboa, Edições 70, 2014.

Castelo Cláudia, *O modo português de estar no mundo: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*, Porto, Afrontamento, 2011.

Chasin José, *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio*, 2. ed., Belo Horizonte, Uma, 1999.

Chauí Marilena, “Apontamentos para uma crítica da ação integralista brasileira”, in Marilena Chauí e Maria Sylvania Carvalho Franco, *Ideologia e mobilização popular*, São Paulo, Paz e Terra, 1985.

Compagnon Olivier, “Étude comparée des cas argentin et brésilien”, in Olivier Dard e Michel Grunewald (orgs.), *Charles Maurras et l'étranger, l'étranger et Charles Maurras: L'Action française – culture, politique, société II*, Berne, Peter Lang, 2009.

Cruz Manuel Braga da, “As relações entre o Estado e a Igreja”, in A. H. de Oliveira Marques e Joel Serrão (orgs.), Fernando Rosas (coord.), *Nova História de Portugal*, v. 12: Portugal e o Estado Novo (1930-1960), Lisboa, Presença, 1992.

Cruz Manuel Braga da, “O integralismo lusitano nas origens do salazarismo”, in *Análise Social*, Lisboa, n. 70, 1982, p. 137-182.

Dard Olivier, *Charles Maurras: le maître et l'action*, Paris, Armand Colin, 2013.

Dávila Jerry, *Hotel trópico: o Brasil e o desafio da descolonização africana, 1950-1980*, São Paulo, Paz e Terra, 2011.

Faist Thomas, *The Volume and Dynamics of International Migration and Transnational Social Spaces*, Oxford, Oxford University Press, 2000.

Ferreira Nuno Simão, “A I República e os integralistas: a visão de Alberto de Monsaraz”, in *Lusíada: história*, Lisboa, n.º 5-6, 2009, p. 237-193.

Gonçalves Leandro Pereira, *Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português*, tese de doutorado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

Gonçalves Williams da Silva, *O realismo da fraternidade: Brasil-Portugal*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2003.

Griffin Roger, “Introduction”, in Gregory Blamires (org.), *World Fascism: a Historical Encyclopedia*, Santa Barbara, ABC Clio Inc, 2006.

Léonard Yves, « Salazarisme et lusotropicalisme: histoire d'une appropriation », *Lusotopie*, 1997, p. 211-226.

Lloyd-Jones Stewart, “Integralismo lusitano: ‘made in France’?”, *Penélope: Revista de História e Ciências Sociais*, Lisboa, n° 28, 2003, p. 93-104.

Neves Moreira das (P.e.), “Cavaleiro do verbo: à memória de Plínio Salgado”, in Augusta Garcia Rocha Dorea, *Plínio Salgado, um apóstolo brasileiro em terras de Portugal e Espanha*, São Paulo, GRD, 1999.

Nolte Ernst, *Three faces of fascism: Action française, Italian Fascism, National Socialism*, New York, Chicago, San Francisco, Holt, Rinehart and Winston, 1966.

Oliveira César, “Oliveira Salazar e a política externa portuguesa: 1932-1968”, in J.M. Brandão de Brito e Fernando Rosas (orgs.), *Salazar e o salazarismo*, Lisboa, Dom Quixote, 1989.

Parada Maurício, “Tempo de exílio: Plínio Salgado, religião e política”, in Leandro Pereira Gonçalves, Maurício Parada e Giselda Brito Silva (orgs.), *Histórias da política autoritária: integralismos, nacional-sindicalismo – nazismo – fascismos*, Recife, UFRPE, 2010.

Pinto António Costa, “O Estado Novo português e a vaga autoritária dos anos 1930 do século XX”, in Francisco Carlos Palomanes Martinho e António Costa Pinto (orgs.), *O corporativismo em português: estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

Pinto António Costa, *Os camisas azuis: ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal, 1914-1945*, Lisboa, Estampa, 1994.

Pinto António Costa, *O salazarismo e o fascismo europeu: problemas de interpretação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Estampa, 1992.

Pinto António Costa e Rezola Maria Inácia, “Political Catholicism, Crisis of Democracy and Salazar’s New State in Portugal”, in *Totalitarian Movements and Political Religions*, London, v. 8, n° 2, 2007, p. 353-368.

Prado Antônio Arnoni, *1922, itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a semana e o integralismo*, São Paulo, Brasiliense, 1983.

Rezola Maria Inácia, “A Igreja Católica portuguesa e a consolidação do salazarismo”, in Francisco Carlos Palomanes Martinho e António Costa Pinto (orgs.), *O corporativismo em português: estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

Rosas Fernando (coord.), “O Estado Novo (1926-1974)”, in José Mattoso (org.), *História de Portugal*, v. 7, Lisboa, Estampa, 1998.

Salgado Plínio (rel.), “Projeto 340-A/71: dispõe sobre o ensino no exército. Pareceres na Comissão de Educação (27 set. 1972)”, in *Discursos parlamentares*, v. 18, Brasília, Câmara dos Deputados, 1982 (a).

Salgado Plínio, “A Unesco e a debilidade do mundo atual (10-04-1961)”, in *Discursos parlamentares*, v. 18, Brasília, Câmara dos Deputados, 1982 (b), p. 358-375.

Salgado Plínio, “Colonialismo no mundo contemporâneo e o caso do navio *Santa Maria* (06 fev. 1961)”, in *Discursos parlamentares*, v. 18, Brasília, Câmara dos Deputados, 1982 (c), p. 327-257.

Salgado Plínio, “Câmara Econômica (10 out. 1959)”, in *Discursos na Câmara dos deputados: primeira fase: 15 de março de 1959 a 13 de abril de 1960*, Rio de Janeiro, Livraria Clássica Brasileira, 1961, p. 91-112.

Salgado Plínio, *Direitos e deveres do homem*, Rio de Janeiro, Clássica Brasileira, 1949.

Silva Douglas Mansur da, *A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro, 1956-1974*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

Trindade Hélió, *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*, Porto Alegre, Difel/UFRGS, 1979.

Vasconcellos Gilberto Felisberto, *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*, São Paulo, Brasiliense, 1979.

Notes

1 Regime político brasileiro fundado por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937. De caráter ditatorial, durou até 29 de outubro de 1945 [Capelato, 2003].

2 Fundado por António de Oliveira Salazar em 1933, que liderou Portugal até 1968, sendo sucedido por Marcello Caetano, que esteve no poder até 1974, Estado Novo é o nome do regime político ditatorial que vigorou durante 41 anos e foi derrubado pela Revolução de 25 de abril, conhecida também como a Revolução dos Cravos [Pinto, 2007].

- 3 Sobre a recepção e a apropriação do pensamento de Gilberto Freyre em Portugal, ver Léonard [1997, p. 211-226].
- 4 Correspondência de Plínio Salgado a Ribeiro Couto, 5 jul. 1933, Fundação Casa de Rui Barbosa, Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros-Pop: 28177.
- 5 Nome oriundo de um dos principais representantes da *Action française*, Charles Maurras [Dard, 2013].
- 6 O ponto de partida para um pesquisador do integralismo é a quadríade Héglio Trindade [1979], José Chasin [1999], Gilberto Felisberto Vasconcellos [1979] e Marilena Chauí [1985], que passou a ser o ponto de referência essencial para o estudo do movimento integralista, influenciando de forma direta as investigações na História e nas Ciências Sociais.
- 7 “Em 1940 realiza-se o 2º Recenseamento Geral da População, segundo o qual 93 % dos portugueses professam a religião católica. É verdade que, nas décadas seguintes, essa porcentagem se eleva, atingindo os 97 % em 1950 e os 98 % dez anos depois. No entanto, no início dos anos 1940, a Igreja afirma-se já como instituição e força social, conhecendo uma rápida e significativa expansão em todos os domínios, quer em termos quantitativos, quer qualitativos” [Rezola, 2007, p. 261-262].
- 8 Em um primeiro momento, a divulgação da mensagem papal foi restrita ao jornal *Novidades*, em 6 e 9 de janeiro de 1945. “Este texto deve ser cotejado com o discurso de Pio XII proferido no mesmo dia perante o Sacro Colégio, durante a vigília de Natal” [Barreto, 2002, p. 163].
- 9 Entrevista de Plínio Salgado, 8 fev. 1951, Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Arquivo Oliveira Salazar – ANTT/AOS/CO/PC-23.
- 10 “Goa também é Brasil”, *Novidades*, Lisboa, 12 set. 1954.
- 11 *Ibid.*
- 12 Entrevista de Plínio Salgado ao programa Horizontes, Emissora Nacional, 22 dez. 1960, APHRC/FPS-091.004.011.
- 13 *Ibid.*
- 14 Manifestação organizada pelos portugueses residentes no Brasil contra a invasão da Índia portuguesa, reportagem, Rio de Janeiro, Rádio Globo/Programa de Rádio, 1º abr. 1960, Rádio e Televisão de Portugal, R.T.P. AHD1622.
- 15 Entrevista de Plínio Salgado ao programa Horizontes, *op. cit.*
- 16 Manifestação organizada pelos portugueses [...], *op. cit.*
- 17 *Ibid.*
- 18 “Chegou ontem a Lisboa o escritor brasileiro Plínio Salgado”, *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 18 dez. 1960.
- 19 O tema de uma nova guerra mundial foi pauta de discussão em alguns momentos quando legislava. Para Plínio Salgado, um conflito mundial só iria ocorrer se assim quisesse a URSS, mais uma vez apontada como o mal a ser combatido. Em 2 de outubro de 1955, participou de um programa na TV Tupi chamado *Al Neto Comentando...*; entre os vários temas discutidos, a questão da energia atômica foi abordada, e Plínio Salgado se mostrou a favor do desenvolvimento científico brasileiro (Entrevista de Plínio Salgado ao programa *Al Neto Comentando...*, Emissora TV Tupi, 2 out. 1955, APHRC/FPS-091.004.003). Havia uma preocupação em relação à questão nuclear; dessa forma, após alguns anos, em 1971, foi relator do Projeto 340-A/71 na Comissão de Educação e Cultura que debatia sobre o ensino no exército, uma das justificativas sendo “a probabilidade de uma Terceira Guerra, após o surgimento das armas atômicas” [Salgado, 1982 (a), p. 869]. Posição divergente foi assumida por António Salazar, que, em 1951, afirmava categoricamente que a guerra contra a URSS era evitável (“Salazar adverte as potências ocidentais”, *O Sol*, Rio de Janeiro, 2 mar. 1951, ANTT/AOS/CO/PC-23).
- 20 Em 17 de dezembro de 1961, a força militar portuguesa assistiu à falência e à previsão tática de Salazar. Foi o “princípio do fim do império e de um longo período de isolamento internacional” [Rosas, 1998, p. 478].
- 21 “Plínio Salgado, autor de *A Vida de Jesus* e grande amigo de Portugal chegou ontem a Lisboa”, *Novidades*, Lisboa, 18 dez. 1960.
- 22 “Carta de Lisboa: Plínio Salgado e o ultramar português”, *Diário de Lourenço Marques*, Lourenço Marques, 28 fev. 1961.
- 23 “Acredito que Portugal e Brasil constituindo uma unidade histórica e impressionante identidade de sentimentos têm uma alta missão a desempenhar no mundo moderno”, *Diário da Manhã*, Lisboa, 24 dez. 1960.
- 24 Correspondência de Plínio Salgado a João Ameal, 31 mar. 1961, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio João Ameal – BNP/EJA/E37/4331.
- 25 Plínio Salgado, Discurso pronunciado pelo Deputado Plínio Salgado, 1º dez. 1963, Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, Fundo Plínio Salgado – APHRC/FPS -007.001.005.

26 O PRP de Plínio Salgado e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) de Leonel Brizola foram aliados nas eleições de 1958 no Rio Grande do Sul. De forma lenta, preceitos foram ocultados por Plínio Salgado, que passou, em alguns momentos, a sobrepor o lado político à organização doutrinária integralista. “A aliança com o PTB e Leonel Brizola, no Rio Grande do Sul, foi, certamente, a posição tomada pelo PRP que maior repercussão gerou, inclusive no interior do partido” [Calil, 2005, p. 555]. O ano de 1958 foi marcante, pois ele possuía um projeto eleitoral para o legislativo federal para, finalmente, alcançar um cargo público – o único havia sido em 1927, como deputado estadual pelo Partido Republicano Paulista.

27 “A entrevista do dia: Dr. Plínio Salgado (escritor e político brasileiro)”, *Diário Ilustrado*, Lisboa, 15 maio 1962.

28 “A melhor defesa estratégica do ocidente tem sido a política portuguesa em África”, *Novidades*, Lisboa, 12 maio 1962.

29 “A entrevista do dia [...]”, *op. cit.*

30 O foco central era Portugal, e os elogios à política espanhola do General Franco ocorrendo em um aspecto secundário, ligados a um processo comparativo com Portugal. Entretanto, uma das últimas entrevistas de Plínio Salgado antes de morrer foi para Agência S de Madri, na presença do repórter Manoel Pelegrini, em novembro de 1975. Nela destacou que: “O General Francisco Franco foi uma das figuras contemporâneas mais notáveis pelo que representou na História de sua Pátria, num momento difícil para sustentar a independência e a soberania da Nação. Às vésperas da grande guerra mundial, quando o imperialismo soviético desencadeou suas forças militares na Península Ibérica, Franco marchou de Marrocos para Andaluzia, prosseguindo rumo ao norte onde parecia já vencedor o governo Bolchevista, praticando as maiores barbaridades. Numa guerra longa, foi apoderando-se de cidade por cidade até a conquista de todo o território e finalmente estabelecendo um regime que restaurou a ordem e a tradição nacionais. Daí por diante consolidou o prestígio da Espanha na Europa e no mundo e o seu próprio como grande estadista.” (Entrevista de Plínio Salgado aos jornais da Espanha, nov. 1975, APHRC/FPS-091.004.013).

31 “A melhor defesa estratégica [...]”, *op. cit.*

32 “Somente a imaturidade ou a decadência poderão permitir que os Estados Unidos ou a Inglaterra trabalhem contra os seus próprios interesses”, *Diário Notícias*, Lisboa, 13 maio 1962.

33 “A entrevista do dia [...]”, *op. cit.*

34 Diários de António de Oliveira Salazar, 15 maio 1962, ANTT/AOS/1-59_m0243.

35 “Com Salazar aprende-se muito”, *Diário da Manhã*, Lisboa, 16 maio 1962.

36 *Ibid.*

37 “A entrevista do dia [...]”, *op. cit.*

Pour citer cet article

Référence électronique

Leandro Pereira Gonçalves, « Plínio Salgado e a Guerra Fria: uma análise entre Brasil e Portugal no âmbito das Guerras Coloniais », *Cahiers des Amériques latines* [En ligne], 79 | 2015, mis en ligne le 25 février 2016, consulté le 28 mai 2016. URL : <http://cal.revues.org/3614> ; DOI : 10.4000/cal.3614

Référence papier

Leandro Pereira Gonçalves, « Plínio Salgado e a Guerra Fria: uma análise entre Brasil e Portugal no âmbito das Guerras Coloniais », *Cahiers des Amériques latines*, 79 | 2015, 31-54.

À propos de l’auteur

Leandro Pereira Gonçalves

Leandro Pereira Gonçalves est docteur en histoire (université pontificale catholique de São Paulo, Brésil). Il a réalisé un stage (*Junior Visiting Fellow*) à l’Institut des sciences sociales de l’université de Lisbonne (ICS-UL, Portugal). Il est professeur adjoint du master et doctorat en histoire de l’université pontificale catholique du Rio Grande do Sul, au Brésil, et responsable des groupes de recherche « Portugal et Brésil dans le monde contemporain : identité et mémoire » et « Droites, histoire et mémoire ». Il a dirigé, entre autres, les ouvrages *Presos Políticos e Perseguidos Estrangeiros na Era Vargas* (Ed. Mauad X, 2014) et *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista* (Ed. Sob Medida, 2011-2012). Il a publié plus d’une trentaine d’articles dans des revues au Brésil, au Portugal, en Angleterre et en Hongrie. Centrées plus spécifiquement sur la relation entre Brésil et Portugal, ses

recherches portent sur des questions liées à la culture politique, au christianisme, à l'autoritarisme, au fascisme et à l'intégralisme.

Droits d'auteur

© Cahiers des Amériques latines

Résumés

Plínio Salgado et la guerre froide : une analyse entre le Brésil et le Portugal dans le contexte des guerres coloniales

Pendant la guerre froide, la relation entre Brésil et Portugal a revêtu une importance particulière, notamment à travers l'action de l'intégraliste Plínio Salgado, visant à un rapprochement entre les deux pays, principalement en ce qui concerne le processus d'indépendance des colonies afro-asiatiques, mouvement directement lié à la bipolarisation mondiale. Plínio Salgado considérait l'avancée du communisme comme permanente et quasi-incontrôlable, élément qu'il utilisait pour justifier son soutien au Portugal à propos des guerres coloniales, avec l'intention de créer une lutte anticommuniste en Occident, visant à la formation d'un monde chrétien. L'objectif de cette étude est d'analyser les actions politiques et intellectuelles de Plínio Salgado, fondées sur une politique autoritaire dans un Brésil démocratique. Sont étudiés ses propositions de défense du colonialisme portugais, son combat en faveur du nationalisme et de l'anticommunisme, sa critique moralisatrice des valeurs bourgeoises et, surtout, son opposition inconciliable entre spiritualisme et matérialisme durant la guerre froide.

No âmbito da Guerra Fria, a relação entre Brasil e Portugal, notadamente através da atuação do integralista Plínio Salgado, teve um destaque significativo com o propósito de uma aproximação entre os dois países, em especial no que tange ao processo de independência das colônias afro-asiáticas, movimento que estava diretamente ligado à bipolarização mundial. Enxergava o avanço comunista como permanente e quase incontrolável, elemento que utilizava para justificar o apoio a Portugal nas Guerras Coloniais, na intenção de criar uma luta anticomunista no Ocidente para a formação de um mundo cristão. Neste estudo, tem-se como objetivo analisar as ações políticas e intelectuais de Plínio Salgado, baseadas numa política autoritária em um Brasil democrático. Serão analisadas suas propostas de defesa do colonialismo português, sua luta a favor do nacionalismo e do anticomunismo, sua crítica moralizante aos valores burgueses e, principalmente, sua oposição irreconciliável entre espiritualismo e materialismo durante a Guerra Fria.

integralismo

Plínio Salgado and the Cold War: an analysis between Brazil and Portugal in the context of the colonial wars

During the Cold War, the relationship between Brazil and Portugal, notably through the actions of the integralist Plínio Salgado, had a significant high point with the objective of closer ties between the two countries, especially with regard to the independence process of the African-Asian colonies, a movement that was directly linked to global bipolarization. He saw the communist advance as permanent and almost uncontrollable, an element that he used to justify support for Portugal in the colonial wars, with the intent of creating an anti-communist struggle in the West for the formation of a Christian world. This study aims to analyze Plínio Salgado's political and intellectual actions based on an authoritarian politics in a democratic Brazil. The analysis covers his proposals in defense of Portuguese colonialism, his struggle in support of nationalism and anti-communism, his moralizing criticism of bourgeois values, and especially his irreconcilable conflict between spiritualism and materialism during the Cold War.

Entrées d'index

Mots-clés : intégralisme, salazarisme, guerres coloniales, Portugal, Brésil, Plínio Salgado

Keywords : integralism, salazarism, colonial wars, Portugal, Brazil, Plínio Salgado

Palavras chaves : salazarismo, guerras coloniais, Portugal, Brasil, Plínio Salgado